



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76 Recredenciamento
pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

SOFRIMENTO PSÍQUICO E ESPIRITUAL: A EVANGELIZAÇÃO NO POVO TUMBALALÁ

Marijane dos Santos¹; Edson Tosta Matarezio Filho²

1. Marijane dos Santos – Modalidade Bolsa/FAPESB, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana e-mail: marijane.12santos@hotmail.com
2. Edson Tosta Matarezio Filho, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: etmfilho@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Tumbalalá; evangelização; adoecimento.

Os povos indígenas brasileiros vivem, desde o processo de invasão e colonização, em luta constante para preservar suas culturas e, sobretudo, para sobreviver. Além do processo de exploração de nossos territórios de forma intensa e desrespeitosa, pelo garimpo ilegal por exemplo, nós povos indígenas também sofremos com a imposição de religiões que demonizam nossa tradição e ancestralidade. A catequização e a evangelização ainda estão presentes nas comunidades indígenas, demonizando e punindo o modo de viver de cada povo.

Diante desse contexto, este trabalho busca refletir sobre os impactos causados pela evangelização de indígenas Tumbalalá, como o adoecimento psíquico e espiritual. Para alcançar esse objetivo, utilizei referências bibliográficas de autores indígenas e indigenistas que trabalham com as culturas dos indígenas brasileiros e, em especial, dos Tumbalalá. Esses autores refletem, em seus trabalhos, sobre o processo histórico de invasão, exploração, dominação e de mais atrocidades sofridas pelos povos Originários, como a evangelização, que aqui será destacada. Pretendo investigar os impactos negativos causados pela imposição religiosa (evangélica), como o adoecimento psíquico e espiritual, a partir da hipótese de que a falta das práticas ritualísticas, imposta pela evangelização, é um dos causadores de tais adoecimentos. Também compõem este trabalho as minhas vivências enquanto indígena de um território que sofre diariamente com esse etnocídio. Assim como para Kilomba (2020, p. 27): "escrever [...] foi, de fato, uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas simeu própria. Não sou *objeto*, mas o *sujeito*. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político".

Escrever este trabalho foi, decerto forma, desafiador e gratificante, mergulhei num rio de lembranças e de vivências que me fizeram emergir no mundo revolucionário, de grandes mobilizações e sabedoria. Falar de mim, e por mim, do lugar de onde venho, sempre será um ato político e de descolonização, pois não posso esquecer minhas raízes, assim como as da Jurema, que são *ciência* ancestral. Hooks (1989 *apud* KILOMBA, 2020, p. 228) define *sujeitos* como, “aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”, entretanto, hooks salienta que, “como *objetos*, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros e nossa história designada somente de maneiras que definem a (nossa) relação com aqueles que são sujeitos”.

Busquei demonstrar, com esta pesquisa, que a falta das práticas ritualísticas, bem como dos costumes e tradições de um povo, acarreta o adoecimento psíquico e espiritual. É de suma importância a tese de que a religião evangélica participa do etnocídio, não generalizando, mas considerando que elas têm o intuito de proibir, punir. Ressalto a importância do entrelaçamento entre saúde psíquica e espiritual.

O distanciamento dos rituais causa uma “falta” na espiritualidade de cada indivíduo. Costumo comparar essa “falta” a um corpo sem se alimentar, sem beber água que, conseqüentemente, ficará desidratado, com imunidade baixa, tendo probabilidade de adquirir várias doenças. É exatamente isso que acontece quando não alimentamos nossa espiritualidade. O nosso corpo-espírito, a “espiritualidade psíquica”, tende a desidratar, fica propício a adquirir coisas negativas, ruins espiritualmente, contribuindo conseqüentemente para o adoecimento psíquico. Isso é comparável ao não cuidado com a saúde mental como fator do adoecimento espiritual.

Muitas dessas conseqüências ultrapassam o problema da “perda da identidade” ou “aculturação”, pois tais rituais estão no centro de processos de constituição das pessoas, do parentesco e dos grupos ameríndios. São rituais que lidam com relações cruciais entre as pessoas e os espíritos dos mortos, dos animais, das plantas, consideradas quase sempre pelos não indígenas como parte de um mundo simbólico que só pode ser eficaz enquanto “representação”. No entanto, para os povos em questão, fazem parte daquilo que os constituem (MATOS, 2016, p. 168 *apud* PALMQUIST, 2018, p. 90).

Há uma disputa real e simbólica entre os “dois mundos”, o indígena e o protestante pentecostal, entre “pastor e Pajé”, que gera a denominação do indígena como “índio-crente” (RODRIGUES, 2022, p.2). Esse contexto reflete muito o *ser e pertencer* a um povo, o sentimento de pertencimento. É como se fosse uma inversão de papéis, no caso do Pajé versus pastor. O interessante disso, é o quanto alguns indígenas Tumbalalá evangélicos que têm “problemas” espirituais decorrentes do não tratamento/cuidado das suas *correntes*, não procuram o Pajé da aldeia e sim os pastores, não fazem Toré e sim cultos. Trago esse relato para tentar, de alguma forma, explicar essa “inversão” de papéis: o lugar do Pajé passa a ser ocupado pelo pastor. Nesse sentido, é recorrente nas famílias que têm algum membro evangélico demonizar os Encantados e a espiritualidade indígena.

Assim é evidente que os objetivos almejados foram alcançados, de fato consolidando que as práticas ritualísticas são fundamentais para a manutenção da identidade cultural indígena, desempenham um papel central na vida dos indígenas e nas transmissões de conhecimentos ancestrais e valores entre gerações, além do fortalecimento espiritual e cultural do povo Tumbalalá. O trabalho deixou claro que quando essas práticas são interrompidas, os indivíduos podem sentir uma perda de conexão com suas raízes e tradições, ocasionando ao adoecimento psíquico e espiritual e até mesmo sentimento de não pertencimento, e/ou negação identitária, derivadas da substituição das práticas ritualísticas por novas crenças imposta pelo protestantismo.

Entretanto a demarcação do Território Tumbalalá é uma das principais formas de garantir o distanciamento das igrejas para com o território, impedindo a continuação desse etnocídio além de fortalecer o processo étnico-cultural do povo, na garantia dos nossos direitos. Como forma de preservar e cuidar da sabedoria ancestral, fortalecer e dar continuidade aos nossos costumes e tradições que foram passados de geração em geração por nossos antepassados que sobreviveram ao longo do processo de colonização. Saliento aqui a importância significativa de políticas públicas dentro do território Tumbalalá, principalmente para com a juventude que tem um papel significativo na valorização dos costumes e tradições ancestrais, além do conhecimento acadêmico, que colabora nesse processo de valorização, respeito e sabedoria para lidar com o “negacionismo” que adentra o território. Enfatizo a necessidade de continuação nessa pesquisa, que é tão delicada e importante para os povos indígenas em geral e em especial, o povo Tumbalalá, sobretudo, como esse etnocídio está cada vez mais utilizando de estratégias para violar a nossa identidade e ferir nossa ancestralidade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Siloé Soares. **Índios ressurgidos: a construção da auto-imagem: os Tumbalalá, os Kalankó, os Karuazu, os Catókin e os Koiupanká**. 2003. Tese de Doutorado. [sn].

ANDRADE, Ugo Maia. **Memória e diferença: os Tumbalalá e as redes de trocas no submédio São Francisco**. Editora Humanitas, 2009.

ANDRADE, UM. “**A Jurema tem dois gaios**”: história Tumbalalá. In: CARVALHO, MR., and CARVALHO, AM., org. **Índios e caboclos: a história recontada** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 183-222. ISBN 978-85-232-1208-7. Available from SciELO Books

BRASIL. Lei nº 2.889/1956. Define e pune o crime de genocídio.

DE NEGRI, Fernanda; MACHADO, Weverthon; CAVALCANTE, Eric Jardim. **Crescimento dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas**. 2023.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. Atlas, 2ª ed. São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.

JUNIOR, Dorivaldo Pantoja Borges; CECCARELLI, Paulo Roberto. Um estudopsicanalítico sobre perdas mitológicas e etnocídio a partir do documentário "Ex-pajé". **Estudos de Psicanálise**, n. 53, p. 85-90, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LISBOA, Gabriela. A fé protestante – 500 anos de história. CNB, São Paulo, 31 de outubro de 2017. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/especiais/fe-protestante-500-anos-dehistoria/2017/10/31/PROTESTANTES-CHEGARAM-AO-BRASIL-A-PARTIR-DO-SEculo-XIX.htm>

LONGHINI, Geni Daniela Núñez. Da cor da terra: etnocídio e resistência indígena. **Revista Tecnologia & Cultura-Rio de Janeiro-Edição especial**, p. 65-73, 2021.

MENENDEZ, Larissa Lacerda. Da pajelança à evangelização: reflexões sobre oxamanismo paumari. **Cadernos CERU**, v. 29, n. 2, 2018.

NANTES, Martinho de et al. Relação de uma missão no rio São Francisco. **Brasiliana**, 1979.

PALMQUIST, Helena. Questões sobre genocídio e etnocídio indígena: a persistência da destruição. **Belém: UFPA**, 2018.

POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. 2001. Tese de Doutorado. [sn].

GAIER, Rodrigo Viga. Número de evangélicos cresce 61% no Brasil, diz IBGE. Acesso em 16 de julho de 2024. Homepage: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/numero-de-evangelicos-cresce-61-no-brasil-diz-ibge.c0addc840f0da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>

VERONEZ, Helânia Thomazine Porto. As missões evangélicas em comunidades indígenas. **PESQUISA EM DEBATE**, 2005.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; PAPLOWSKI, Schirley Kamile; AGNOLETTI, Vitória. GENOCÍDIOS EPISTÊMICOS: Os pilares do conhecimento e da racionalidade eurocêntrica. *Confluências*| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, v. 25, n. 2, p. 203-222, 2023.